

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA LÚCIA BARBOZA
CHARLEIDE BRAZ DE LIMA

O PROCESSO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CAJAZEIRAS – PB

ANA LÚCIA BARBOZA
CHARLEIDE BRAZ DE LIMA

O PROCESSO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

**Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
ao Curso de Licenciatura em Pedagogia – Uni-
versidade Federal de Campina Grande – CFP,
em cumprimento às exigências para a obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia, habilita-
ção em Supervisão Escolar.**

Orientadora: Prof^a Ms. Maria de Lourdes Campos

CAJAZEIRAS – PB

2005



B239p Barboza, Ana Lúcia.
O processo de leitura na educação de jovens e adultos /
Ana Lúcia Barboza, Charleide Braz de Lima.- Cajazeiras,
2005.
46f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2005.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Leitura
- historia. I. Lima, Charleide Braz de. II. Campos, Maria
de Lourdes. III. Universidade Federal de Campina Grande.
IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

Sumário

INTRODUÇÃO	03
CAPÍTULO 1	
1. O PROCESSO DE LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	05
1.1. Breve histórico sobre a leitura	05
1.2. Concepções de leitura	07
1.3. Funções da leitura	14
1.4. Tipos de leitura	15
1.5. A leitura no contexto escolar.....	18
CAPÍTULO 2	
2. METODOLOGIA.....	21
CAPÍTULO 3	
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	23
CAPÍTULO 4	
3. DESENVOLVIDAS NOS ESTÁGIOS.....	32
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

A temática leitura na Educação de Jovens e Adultos, surgiu fruto de um processo de discussão com as professoras da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Educacional Antônia Lacerda Neto, localizada na cidade de São José de Piranhas, Paraíba, com o objetivo de analisar o processo de leitura vivenciado na escola.

O presente estudo tem como enfoque principal a leitura na Educação de Jovens e Adultos (EJA), os processos de aprendizagens, formais ou não formais, como forma de desenvolver suas capacidades, enriquecer seus conhecimentos e melhorar suas competências técnicas ou profissionais ou as reorientam a fim de atender suas próprias necessidades e as da sociedade. A educação de adultos compreende a educação formal e permanente, a educação não formal e toda a gama de oportunidades de educação informal e ocasional existentes em uma sociedade educativa e multicultural, na qual se reconhecem os enfoques teóricos baseados na prática. (Art. 3º da Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos).

Para compreender melhor a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é necessário retomar a política educacional que direcionou durante várias décadas a história brasileira, não é de hoje que a Educação de Jovens e Adultos tem espaço no texto legal da constituição brasileira, onde põe o ensino primário extensivo aos adultos que é assegurada pela a LDB o direito de ensino as pessoas maiores de 15 anos que não tiveram oportunidade de freqüenta a escola na sua faixa etária.

A Alfabetização de Jovens e Adultos foi criada com o intuito de atender as pessoas de idade regular que não tiveram oportunidade de estudar quando criança. Sabemos que os termos jovens e adultos indicam que em todas as idades de vida é possível se formar, claro que para isso é preciso que cada um busque e desenvolva seus conhecimentos.

A leitura é compreendida como um processo que envolve assimilação, conhecimento e interiorização. A leitura tem sido o centro de discussão para os que se preocupam com

os rumos da educação do nosso país, visando melhorar a qualidade de ensino brasileiro. Ainda se percebe o alto índice de analfabetos no nosso país e para diminuir esse índice é preciso que o governo ofereça uma política de trabalho que possa contribuir amenizando esse problema levando em conta a realidade do educando, só assim, é que vamos garantir uma oferta de educação escolar de qualidade, faz-se necessário à implantação de propostas políticas educacionais que atendam as suas especificidades.

A escola precisa priorizar a formação de um leitor crítico e criativo. Vale ressaltar que um projeto educativo com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania.

Este estudo tem também por finalidade repensar a prática do educador atuante nas classes de EJA, fazendo o mesmo refletir sobre sua prática pedagógica. E pretendemos aprofundar os nossos conhecimentos sobre a temática.

1. O PROCESSO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ao estudarmos o processo de leitura desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Educacional Antônio Lacerda Neto, objetivamos conhecer a importância da leitura na formação de cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, organizando o trabalho educativo, para que os jovens experimentem e aprendam isso na escola, por sua vez, se tornando modelos de leitores eficientes e práticos de leitura eficazes.

Para aprofundar melhor esta temática, leitura na Alfabetização de Jovens e Adultos, tomamos como suporte os seguintes autores: Freire, Funk (1994), Ferreira, Cagliari (1997), Abrantes (1995), Carneiro (2000), Fernandes (2002), Cunha (1986), Soares (2001), Saveli (2001), Orlandi (2001), Solé (1998) e Teberosky (2003).

De acordo com a constituição de 1988, é dever do Estado e direito do cidadão o ensino primário extensivo aos adultos como componente da educação. A educação de jovens e adultos, na LDB (9394/96), será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente os jovens e adultos, que não puderem efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante curso e exames. O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (art.37).

1.1. BREVE HISTÓRICO DA LEITURA

Ao longo da história, a leitura foi vista como uma fonte de aprendizagem e de conhecimento. Em toda a antiguidade, precisamente a partir do século V-IV a.c, a prática da leitura em voz alta foi bastante dificultada; permitia que o leitor desse vida ao

escrito, às letras silenciosas que repousavam no texto, uma prática de leitura concentrada no interior das igrejas, das celas, dos refeitórios, dos claustros, das escolas religiosas e, algumas vezes, das cortes: leituras essas, geralmente edificação espiritual.

A razão de ser da leitura era agora a salvação da própria alma, é tão forte motivo encontrava reflexo nos textos bíblicos. O livro dos salmos passou a ser visto como uma cartilha para se ensinar a ler e escrever, bem como livros sobre a vida dos santos.

Outro sinal de mudança dos tempos na leitura silenciosa ou murmurada, visto que esta assegurava uma *melhor compreensão do texto e tornava mais completo o entendimento do leitor.*

Do final do século XI, tem-se uma nova era da história da leitura. Com o desenvolvimento da alfabetização, as práticas de escrita e as práticas de leitura antes separadas, aproxima-se se tornando função uma da outra: lê-se para escrever e escrever-se para leitores. A escola agora é vista como o principal espaço onde se dará o ensino da leitura.

Em boa parte da Idade Média, o aprendizado da leitura é realizado através do método escolástico, cuja essência era *treinar o estudante a visualizar um texto conforme critérios preestabelecidos e oficialmente aprovados por meio da inculcação.* A fixação do conhecimento era mais importante do que sua compreensão.

Já a leitura na Idade Moderna entre os séculos XVI e XIX, as práticas de leitura estiveram condicionadas as práticas escolares, as opções religiosas e ao crescimento ritmo de industrialização. Em países procuraram desviar os olhos da censura, que insistiam cravar obstáculos para leitura de textos vistos como portadores de idéias perigosas contra a autoridade da Igreja e dos soberanos absolutos.

Na Inglaterra, a Revolução Industrial ao mesmo tempo em que estabilizou as práticas tradicionais fez emergir novas categorias de leitores, que veio determinar a constituição de um novo mercado do material impresso.

Quanto à leitura no mundo contemporâneo no século XIX aos dias atuais conhece uma nova dispersão dos modelos de leitura em virtude do crescimento geral da alfabetização e do uso da cultura impressa por novas classes de leitores (as mulheres, as crianças, os operários).

As mulheres, em decorrência da diminuição das taxas de analfabetismo, emergiram como público leitor, consumidor principal dos livros de culinária, revistas e romances.

Um outro público leitor que emergiu na Europa no século XIX foram as crianças, que com a expansão da educação primária tiveram maior acesso ao mundo letrado. Mas, o aprendizado da leitura de maneira tradicional, na maioria das vezes, era realizado através de cartões sem contato com os livros; a capacidade para ler era uma atividade que exigia paciência e repetição de exercícios.

No transcorrer desse século à escrita desenvolveu mais nitidamente sua função educativa penetrando nos vários setores da vida social agindo intensamente na formação do imaginário coletivo, capaz de difundir visões de mundo, normas e valores de caráter ideológico dominante, e por outro lado aguçou a capacidade crítica dos leitores, embora em pequena escala. Está diante do alto poder do papel impresso na sociedade que necessita de um público leitor oriundo das diversas classes sociais para disponibilizar o papel social da imprensa. Pode-se afirmar que a imprensa através de seus escritos serviu, sobretudo, à classe dominante que acreditava no papel da leitura como um elemento auxiliar do processo de inculcação ideológica, colaborando para a reprodução das estruturas sociais.

1.2. CONCEPÇÕES DE LEITURA

A definição etimológica da palavra leitura segundo Cunha (1986), vem do latim *tardio lectura* que apresenta o sentido de comentário. Derivada do verbo ler, do latim *legere*, corresponde a percorrer com a vista e interpretar o que está escrito, captando o significado do que é lido, compreendendo o que o autor do texto quis dizer. Pode-se ir mais adiante, ao entender a leitura enquanto o esclarecimento analítico ou não de determinado fato, imagem ou produção escrita, lê-se para compreender, para expor uma opinião a respeito do que é lido.

Segundo Paulo Freire (1987, p.20) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, assim é preciso pensar que todo educando seja ele jovem ou adulto, tem um universo próprio de palavras que devem ser respeitadas, Freire acreditava e propunha uma ação educativa que não negasse sua cultura, mas que fosse transformando a mesma através do diálogo.

Para que ocorra a alfabetização entre jovens e adultos é preciso usar como argumento do processo do ensino-aprendizagem a realidade do analfabetismo, o seu cotidiano, tomar como ponto de estudo a realidade vivenciada para que o mesmo possa agir e transformar o meio em que está inserido, não estando apenas presente na história. Para Abrantes (1995, P.10) é preciso partir da realidade do aluno. Desta maneira o educador necessita conhecer o contexto no qual o educando está inserido.

De acordo com Freire (1992, P.28) “reconhecer que o conhecimento não é um dado aí, algo imobilizado, concluído, terminado a ser transferido por quem o adquirir a quem ainda não o possui”. Desta maneira é preciso que os educandos entendam que produzir conhecimento faz parte da capacidade de todos, pois o conhecimento é inerente ao ser humano, porém muitos vêem o conhecimento como sendo produto unicamente do cientista. Assim sendo, o educador deve ver educando como um sujeito ativo, que possui uma cultura, já trazendo consigo conhecimentos adquiridos na sua vivência diária.

A leitura, além de ser uma fonte prazerosa, é uma maneira que temos para chegarmos aos pensamentos alheios, pois ela nos proporciona condições de refletir, vendo o mundo

de olhos bem abertos. A leitura deve ser incentivada pelo educador, pois é importante que o professor torne a sala de aula em ambiente prazeroso e favorável para que o aluno desperte seu interesse pela leitura. O Professor deve sempre trabalhar com leituras diversificadas e ler em voz alta para que todos acompanhem, pois mesmo aqueles alunos que não sabem ler podem interpretar oralmente.

Escrever é marcar através de símbolos gráficos, as letras, as significações, as reflexões sobre determinados pontos de vista, enquanto ler é tentar interpretar, refletir sobre algo ou sobre o que está escrito no texto, para tanto, ensinar é ler também significa ensinar a avaliar o que compreendemos e a importância que isso tem para que se construa um significado. Isso significa que tanto a leitura como a escrita está intrinsecamente ligada, uma está na dependência da outra. A leitura limitada à escola, resumida somente a utilização dos livros didáticos, é um fato que está preocupando o ensino atual, pois para começar ensinar o aluno a gostar de ler é necessário transformar a leitura numa atividade livre, tudo que fazemos por obrigação acaba tornando chato. Esse estímulo deve começar por obras engraçadas, dramáticas, envolventes que cada sala de aula tenha um horário de leitura e daí enfrentar as dificuldades que cada aluno apresenta. Por falta do hábito de ler, com a presença do professor monitorando e ajudando a superar as dificuldades. Outro método seria pedir a seus alunos que leiam em voz altas para a turma, ou a professora lê uma história para a classe, depois pedir aos alunos para reescrever a história, desenhar os personagens, e assim automaticamente os alunos vão adquirindo o ato da leitura. O que é preciso conquistar é a capacidade de ler, traduzir, aprender e criticar cada texto proposto, desde o início da alfabetização. Pois ler significa refletir, pensar, estar a favor ou contra, comentar, trocar opinião, posicionasse, exercer desde sempre a cidadania.

Para Paulo Freire é um absurdo a atual situação na educação brasileira, onde os maiores obstáculos para a alfabetização estão nas classes populares, mais absurdos ainda, é quando vemos que isso faz parte de um jogo de domínio político, isso se torna claro no fato de um dos maiores custos nacionais está na educação, ou seja, educação qualitativa hoje está relacionada com questões políticas. Fundamental é que,

conhecendo os limites de sua ação os educadores repensem sua prática profissional e passem a agir objetivo e coerentemente de acordo com os desafios que a realidade apresenta.

Inúmeras são as abordagens a respeito do conceito de leitura; é comum remeter-se automaticamente à idéia de que leitura significa a decifração do material escrito e sobre o que se lê têm-se a leitura de palavras, a leitura de um jornal, as leituras de revistas e de romances. Contando, grosso modo, leitura é um processo muito mais amplo; no cotidiano faz-se uso de diversas formas de leitura: a leitura de textos escritos, a leitura de imagens, a leitura sonora. Entretanto, só chega-se à compreensão ou se esforça para tal quando o que se lê apresenta sentido(s) para o leitor.

Numa perspectiva de leitura crítico-transformadora, Paulo Freire apresenta suas reflexões sobre leitura vinculadas a discussão sobre educação. Contrário a leitura de caráter memorístico, decifrativo, próprio da educação bancária, ancora-se numa compreensão crítica do que o ato de ler vai além da decodificação da palavra escrita, buscando seu significado através do contexto em que se está inserido.

A leitura de um texto quando realizada mecanicamente com o intuito de memorizar o conteúdo expresso não é visto como “real leitura”, pois não se aprende a significação de seu conteúdo. A compreensão de um texto por um leitor crítico implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, ou melhor a busca da associação entre os conceitos trabalhados no mundo escolar com os que advêm do mundo da cotidianidade.

Na Ótica dos estudos a respeito do letramento, Soares, M. (2001) compreende a leitura como um conjunto de habilidades lingüísticas e psicológicas que agrega tanto a habilidade de decodificação de palavras escritas quanto a capacidade de compreender textos escritos. Essas habilidades são complementares, visto que a leitura é um processo de relacionar símbolos escritos a unidades de som e é também o processo de construir uma interpretação de textos escritos.

Ser leitor na perspectiva do letramento é estar em condições de decodificar, compreender, construir significados e refletir sobre o material lido, a partir do envolvimento com práticas sociais de leitura.

Numa outra dimensão, a leitura entendida enquanto uma perspectiva discursiva é vista como um processo discursivo onde atuam dois sujeitos produtores de sentido: O autor e o leitor, que por estarem inscritos em contextos sócios históricos próprios produzirão sentidos ideologicamente determinados.

Sabemos que a leitura é de fundamental importância para o aluno, por isso cabe ao educador no início do ano incentivar o educando a ir a biblioteca de sua escola para que tenha contato e hábito de buscar a leitura. Mesmo que a escola não tenha biblioteca o professor pode pedir que os alunos tragam livros de casa dos quais gostem para promover um intercâmbio de leitura.

A leitura está relacionada com a escrita, pois sabemos que o leitor não é apenas um codificador de letras, uma expressão, um gesto que estamos lendo constantemente. É através dessa leitura que o leitor pode ter maior conhecimento e compreensão do mundo.

Portanto, cabe a escola trabalhar o aluno uma múltipla forma de textos que envolvam diferentes respostas ao “por que” e “para quem”, e assim, a escola estará formando não só um leitor, mas um escritor competente, alguém que compreenda o que lê, que possa perceber o que está escrito, mergulhar nas entrelinhas do texto, identificando elementos implícitos, que estabeleça relações entre o texto, validando os elementos discursivos.

O ato de ler é imprescindível para aprender, para apropriar-se do conhecimento, mas para isso a leitura deve ser prazerosa. Deve trazer em cerne o gosto pela leitura como se fosse um ato quase mágico.

Através da leitura e da escrita é que o indivíduo consegue comunicar-se com os grupos sociais, opinando, criticando e refletindo diante da realidade em que está

inserido. Leitura é algo que nos envolve tanto que nem paramos para refletir como vive uma pessoa que não sabe ler e escrever, pois é notório que existem muitas pessoas que sabem ler e escrever, mas que não conseguem interpretar o que leu e escreveu. Ler é contextualizar, analisar, ou seja, é dar o seu ponto de vista, opinando se concorda ou não com o que está lendo. Se você faz uma leitura e não reflete, então você só decodificou.

De acordo com o PCN, de Língua Portuguesa, o trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, conseqüentemente a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática da leitura, espaço de construção da intelectualidade de fonte referencial modeladora. A leitura, por um lado, nos oferece matéria prima para a escrita. O que escrever, e por outro, contribuir para a construção de modelo: como escrever.

O objetivo da leitura é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso antes de organizar o trabalho educativo, para que experimentem e aprender isso na escola, por sua vez, deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores eficientes e práticos de leitura eficazes.

Para tornar os jovens e adultos bons leitores, é necessária uma estratégia didática bem estruturada para o trabalho de formação, onde a leitura seja diária, auxiliando o desenvolvimento de habilidades de atenção e observação, intensificando e organizando a expressão de idéias aumentando a fixação de vocabulários, incentivando a criatividade e a aprendizagem.

De acordo com Freire (1992 p.33):

... A alfabetização de adultos e a pós-alfabetização implicam esforços no sentido de uma concreta compreensão do que é a palavra escrita, a linguagem, as suas relações com contexto de quem fala e de quem lê e escreve, compreensão portanto da relação entre leitura do mundo e leitura da palavra, a biblioteca popular como centro cultural e não como depósito silencioso do livro...

Podemos perceber que a “leitura do mundo” do educando é muitas vezes, uma realidade diferente da “leitura do mundo” do educador. Sendo assim, o professor deve conhecer e considerar as necessidades e realidades dos seus alunos, a leitura deve ser vista numa perspectiva de interesse do próprio aluno, o mesmo deve ter liberdade de escolher o que quer ler, além de receber indicações de seus educadores, posto que passarão por diferentes experiências no aprendizado da leitura e da escrita.

No processo ensino aprendizagem, a leitura e a escrita são sistemas vinculados, o sucesso no aprendizado de um pressupõe o outro. Esse fato ocorre em detrimento da escrita, em nossa sociedade, ser vista como forma de estratificação, pois através dela que se julga a que classe social pertence um determinado indivíduo, mostrando assim a discriminação nos valores atribuídos pela cultura letrada.

Segundo Freire (1992 p. 27):

... quem pensa, por outro lado que a classe trabalhadora é demasiada, inculta e incapaz, necessitando, por isso, de ser libertada de cima para baixo, não tem realmente nada que ver com libertação nem democracia. Pelo contrário, quem assim atua e assim pensa, consciente ou inconsciente, ajuda à preservação das estaturas autoritárias...

O processo de leitura e escrita é bem complexo e requer cuidados durante o aprendizado. Desde suas conceituações até aspectos como, sociedade, ideologia, em fim todo o mundo externo e interno ao aluno deve ser considerado quando lhe são apresentados este novo universo, que poderá oferecer autonomia e prestígio se bem interpretado, mas caso contrário, poderá causar repulsa e grandes dificuldades durante a vida escolar social.

O conceito de leitura é uma forma de interpretar o que está escrito, saber ler é entender: escrever é saber registrar o que se leu, formular idéias, registrados o que se entende por um determinado assunto, pois a leitura e a escrita no processo de ensino aprendizagem é de suma importância para o indivíduo, tanto na vida escolar como no cotidiano porque no hábito de leitura desenvolve-se a escrita.

Ler e escrever são duas operações essenciais na sociedade moderna. Além de ser um eficiente instrumento para o exercício das atividades lúdicas e práticas, a leitura proporciona ao indivíduo a oportunidade de alargamento dos horizontes pessoais, culturais e profissionais, acadêmicas e científicas giram em torno da leitura e da escrita. A capacidade de leitura, portanto, mais que simples alfabetização, é condição fundamental para o exercício pleno da cidadania.

A importância cada vez maior da leitura e da escrita nos estimula a refletir sobre a leitura, as funções que ela desempenha e sobre as relações que se estabelecem entre essa atividade e a escola, uma das principais matrizes geradoras de educação, como a família, o grupo social e os veículos de comunicação massa.

1.3. FUNÇÕES DA LEITURA

Podemos levantar como as principais funções sociais da leitura: a leitura para função de deleite ou prazer; a leitura para a aquisição de informações de cultura geral, da atualização sobre o que ocorre na comunidade e no mundo; a leitura para fins de estudo e trabalho; e a leitura para fins religiosos e de auto-ajuda.

A escola deve preparar o aluno para dirigir, com adequação, qualquer tipo de texto, em qualquer situação com a qual se deparem na vida. O professor colabora para que os alunos desenvolvam sua competência comunicativa tornando-se aptos a usarem melhor sua língua. É preciso também que o aluno seja um leitor crítico do seu próprio texto e dos textos produzidos por seus colegas, que também terão os textos por ele produzidos, fazendo com que o ler e o escrever se constituam em duas fases de um mesmo processo cognitivo.

Saber ler (e escrever) é uma condição indispensável para que o indivíduo participe de forma efetiva da construção e reconstrução da sociedade e de si mesmo, enquanto ser humano na sua totalidade. É urgente encontrar e colocar em prática, novas estratégias

pedagógicas que busquem trabalhar a linguagem de forma dinâmica e interativa entre professor/aluno.

1.4. TIPOS DE LEITURA

A leitura é um complemento obrigatório para uma boa aprendizagem. Portanto, se você não gosta de ler, é melhor rever seus conceitos se quiser fazer um curso que possa realmente contribuir para que você se torne um profissional qualificado.

Existem três tipos de leitura: a leitura ouvida, a leitura falada ou oral e a leitura visual ou silenciosa. A Leitura visual silenciosa é considerada por alguns a leitura verdadeira. A leitura visual tem grande vantagem comparada aos outros tipos de leitura, inibe o leitor por questões lingüísticas, onde o mesmo pode parar onde quiser e recuperar passagens já lidas, o que a leitura oral de um texto não permite. Podemos acreditar que leitura visual favorece mais a reflexão sobre o texto além de induz o leitor à cria imagens simbólicas a partir dos textos lidos. Mas de acordo com CAGLIARE (1997): “Nem sempre a leitura visual silenciosa é a mais adequada para certos textos que foram feitos com a intenção de serem lidos oralmente ou ouvidos”.

A leitura pode ser dividida em: leitura de entretenimento e leitura analítica. Uma leitura que fazemos para nosso entretenimento e uma outra que fazemos porque precisamos aprender alguma coisa com ela. Evidentemente, isso não significa que uma leitura de entretenimento não promova aprendizagem, pelo contrário, ela pode ser muito produtiva. Todavia, se a leitura analítica não for bem feita, torna-se perda de tempo, pois, normalmente, as pessoas não lêem um livro de Metodologia do Trabalho Científico por lazer.

Diferentes da leitura de um texto literários, na leitura do texto técnicos ou científicos querem saber o final da história antes de ler o texto todo. Isso para não perdermos tempo em textos que não são de nosso interesse. Isso é tão verdadeiro que, ao escrever um artigo, os autores científicos começam por um resumo em que contam tudo de maneira sintética. Isso é algo que não acontece no mundo literário, pois nenhum autor gostaria

que você soubesse se a personagem principal morre, antes de ler todo o livro, pois o prazer está em perceber como o autor articulou a história para que a personagem morresse ao final do livro.

Quando estamos começando nosso estudo universitário, os professores pedem a leitura de artigos científicos, de livros e/ou capítulos. Evidentemente, se um professor pediu a leitura de um artigo é porque ele julgou que esse artigo será interessante para complementar sua exposição. Desta forma, fica claro que, além de ler o resumo, você deverá ler todo o texto.

Quando o professor pede a leitura de um livro e/ou de seus capítulos, muitas vezes não temos um resumo. Mas, mesmo que tenhamos, devemos ler todo o texto e trabalhá-lo de acordo com os princípios aqui apresentados.

Para ter uma visão geral do texto, você deverá folheá-lo como faz quando pega um jornal. Dê uma olhada nos subtítulos, nos quadros e nas conclusões, quando elas existirem. Se o texto não tiver essa formatação (subtítulos, quadros, etc.), dê uma olhada nos começos dos parágrafos.

Como você pode perceber, essa é uma leitura superficial. Qual seu objetivo? Fazer com que você se familiarize com o texto. Nesta leitura rápida, você deve grifar palavras que não conhece. Como se trata do primeiro contato com o texto, é um tipo de leitura que você pode fazer no ônibus, no metrô, no banheiro, etc.

Às vezes, tem muitos textos para ler. Esse tipo de leitura ajuda você a dimensionar quais textos são mais complicados e merecerão mais atenção. Desta forma, com a leitura preliminar, você poderá estabelecer uma ordem de leitura de modo a otimizar seu trabalho e, ao mesmo tempo, se preparar para uma leitura mais detalhada.

Depois que você estabeleceu uma hierarquia dos textos que irá ler no período, você deverá trabalhar o texto. Para essa segunda leitura, é sempre bom ter um dicionário à mão, pois, as palavras que você grifou na leitura preliminar devem ser entendidas e/ou podem surgir palavras ou termos que você precisará esclarecer. Lembre-se de pegar o

dicionário antes de começar a trabalhar, pois, depois que você se acomodou em uma mesa e descobre uma palavra que precisa de esclarecimento, pode ficar tentado a deixar para lá. Isso pode prejudicar muito sua leitura.

Nessa leitura, você deverá grifar o texto. É muito bom trabalhar grifando o texto. Eu gosto de, além de grifar o texto, usar asteriscos (*) para salientar que aquele trecho é muito importante.

Alguns autores sugerem que se grife com dois traços os conceitos e definições. A maioria dos alunos se pergunta: como sei o que é realmente importante em um texto? As partes mais importantes de um texto são aquelas que contêm os conceitos ou definições do conteúdo que está sendo abordado. Os autores, para deixarem mais claras suas idéias, normalmente expõem os conceitos que estão sendo trabalhados e procuram clarificá-los por meio de exemplos. Muito bem, são os conceitos ou a relação entre eles o que realmente importa e não os exemplos. Uma dica do que não deve ser grifado é exatamente isso, os exemplos. Muitos alunos acham os exemplos tão interessantes que acabam grifando-os, esquecendo dos conceitos e/ou das relações conceituais, que são os pontos mais importantes.

Analisar um texto é compreendê-lo em toda a sua profundidade. É o terceiro nível de leitura que deverá ser muito bem feito, pois, após essa leitura, é desejável que você não mais precise consultar o texto. Ou seja, você estudou o texto a tal ponto que não é mais necessário consultar o original. Pouquíssimos alunos realizam este tipo de leitura, que pressupõe uma retomada dos elementos grifados no texto.

Se você não fez uma leitura seletiva adequada, esta fase ficará amplamente prejudicada. Esta fase compreende a cópia dos elementos que foram grifados. Sugiro que você abra um documento com o nome do texto que está trabalhando e insira uma tabela de duas colunas. Na primeira coluna irá copiar o elemento do texto tal qual foi grifado, colocando, ao final da transcrição, a citação do autor, página, etc. Este procedimento cumpre duas finalidades.

Primeiramente, ao reler transcrevendo o texto, você passa por um novo nível de compreensão mais profundo, pois se detém mais nos aspectos conceituais do texto. Ao transcrevê-lo, você está lendo e escrevendo. Depois, ao transcrever os textos dessa forma, você estará preparando-os para que possam ser citados em futuros trabalhos, sem que tenha que voltar ao texto original. Isso pode ser particularmente útil para trabalhos de maior fôlego como as pesquisas, seminários, TCC, etc.

O quarto nível de leitura é o que geralmente os professores usam quando preparam a apresentação de uma aula. Pois, como vocês já notaram, os professores falam a partir de esquemas que, normalmente, são apresentados na lousa, em slides e/ou na estrutura da fala do docente em sala de aula.

A forma esquemática pode ser apresentada em um fluxograma ou por itens. Ao apresentarmos um esquema, estamos reduzindo o texto aos seus elementos mais fundamentais que nos ajudam a “lembrar” de toda a riqueza e detalhes do estudo que estamos realizando.

A leitura é um instrumento fundamental de aprendizagem no EJA. Diferente da leitura de entretenimento, a leitura analítica segue passos claros que permitem ao leitor a compreensão em profundidade do conteúdo estudado. Aqui foi apresentada apenas uma técnica de leitura. Você pode, entretanto, desenvolver uma técnica própria. O que importa é que você consiga tirar bom proveito das leituras realizadas, de modo que elas possam contribuir para seu aperfeiçoamento pessoal e profissional.

1.5. A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR

Em sociedades letradas, o ler e o escrever são vistos como competências essenciais para o exercício pleno da cidadania. Um projeto educativo comprometido em desenvolver essas competências atribui à escola a responsabilidade de garantir ao sujeito o acesso aos saberes lingüísticos necessários à sua formação.

Solé (1998) ressalta que um dos múltiplos desafios da escola é fazer os alunos aprenderem a ler corretamente. Isto porque a aquisição da leitura é indispensável para

agir com autonomia nas sociedades letradas, ficando em desvantagem aqueles que não conseguem realizar tal aprendizagem.

Dentro deste contexto é preciso considerar que ler vai além do reconhecimento de palavras. Numa visão mais ampla, ler é ser capaz de compreender e posicionar-se criticamente a cerca do lido, e ainda produzir novos sentidos para o lido.

Saveli (2001) , por sua vez, declara que as práticas de leitura (quando) promovidas pelas bibliotecas estão longe de estabelecer uma relação de maior liberdade entre o sujeito e o livro. Isto porque falta aos encarregados pela biblioteca assumirem o papel de "guia do leitor" objetivando divulgar o acervo e seu conteúdo junto aos professores e alunos, promoverem atividades culturais, seminários sobre livros e autores, entrevistas com autores, projetos de leitura, entre outras atividades que estimulem o gosto pela leitura.

Orlandi (2001) aborda a necessidade de se refletir sobre as condições de produção de leitura. Basicamente, o que se tem proposto em termos de soluções para o problema da leitura tem-se configurado como discurso da escola de classe média. Nesse discurso, vê-se o chavão de que é preciso apropriar-se do conhecimento legítimo, do conhecimento da classe dominante, para a transformação da realidade social excludente.

É inegável a importância do modo de apropriação desse conhecimento, assim como é necessário criar o espaço possível para a elaboração (e legitimação) de outras formas de conhecimento.

A escola tem como função contribuir para a formação de leitores e escritores à medida que proporciona momentos de troca entre os alunos e entre esses e o professor, tornando o conhecimento dos alunos em conhecimento letrado. Nesses momentos, estabelecem-se verdadeiras "relações de ensino". Entretanto, as pressões institucionais (programas e calendários a serem cumpridos) levam o professor a preocupar-se muito mais com sua "tarefa de ensinar" e essa preocupação leva-o, muitas vezes a silenciar o aluno. Evidencia-se, então, a necessidade de libertar a escrita, a leitura e a voz do professor para que ele possa fazer o mesmo em relação a seus alunos.

De acordo com o pensamento de Ferreiro (2001), "O processo pelo qual as pessoas são alfabetizadas é chamado de sociopsicogênese da língua escrita". Com base nesse pressuposto, podemos desenvolver a Alfabetização de Jovens e Adultos respeitando as idéias que eles têm a respeito do que é escrever e como se escreve, o que é ler e como se lê. O processo sociopsicogênese se caracteriza pela a relação entre o social, o intelecto e formação, ou seja, é o processo pelo qual dá formação a alma intelectual da pessoa que começa a ser alfabetizada para interagir na sociedade.

Em síntese, temos na sala de aula , por um lado, práticas de leitura e escrita consideradas relevantes pelo professor, que possuem como característica principal à produção de um sentido escolar para os atos de ler e escrever. Livros de história, jornais, livros didáticos são todos trabalhados como "instrumentos" para ensinar a ler e a escrever, desconsiderando-se o caráter interativo da leitura e da escrita, sua ligação com a vida e a história pessoal de cada leitor-escriptor. De outro lado, nesse mesmo espaço da sala de aula, encontram-se práticas de leitura e escrita que não são incentivadas pelo professor (e muitas vezes nem sequer legitimadas), mas que efetivamente acontecem entre as crianças. A leitura de imagens, os comentários que tecem entre si a respeito dos textos lidos, o esforço que fazem para superar suas limitações, demonstra o esforço das crianças para resgatarem o caráter dinâmico e intersubjetivo da leitura e da escrita.

Para finalizar, enfatizo a importância de se ouvir os jovens e adultos no que se refere às suas expectativas com relação à leitura e à escrita, assim como estimular a troca de impressões e opiniões entre eles e entre o educador acerca das funções e possibilidades da leitura e da escrita. Só assim a escola será capaz de desenvolver um trabalho voltado para os reais interesses e necessidades dos alunos, um trabalho no qual leitura e escrita não sejam apenas "armas" , mas resgatem o caráter de "sonho" , fantasia, prazer e produção de sentidos pessoais que a linguagem escrita pode e deve ter. Dessa forma a escola estará contribuindo efetivamente para a formação de leitores e escritores e não apenas de indivíduos alfabetizados. Pessoas que sejam capazes de ir além da leitura de placas de ônibus, que sejam capazes de ter, na leitura e na escrita, meios de explorarem as possibilidades que a vida pode oferecer.

METODOLOGIA

A pesquisa Leitura na Alfabetização de Jovens e Adultos será realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Educacional Antônio Lacerda Neto , localizada na rua Odon Bezerra , s/nº, bairro centro, na cidade de São José de Piranhas , PB. O universo da pesquisa será composto de sete (7) professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental com os seguintes objetivos:

- Analisar o processo de leitura na Educação de Jovens e Adultos;
- Investigar quais as dificuldades encontradas no processo de leitura;
- Identificar a metodologia utilizada pelos professores do EJA.

A escola funciona durante os três turnos, manhã e tarde o ensino infantil, e noite o ensino fundamental. O ambiente é composto por 296 alunos, sendo que 190 estão na faixa etária entre 6 a 14 anos e 106 alunos da Educação de Jovens e Adultos apresentam uma faixa etária entre 16 a 72 anos. O projeto foi aplicado durante o turno noite onde existem salas da Educação de Jovens e Adultos. O ambiente físico da escola é bem restrito, são 06 salas de aula, 01 diretoria, 01 cozinha, 04 banheiros, 01 dispensa, 01 biblioteca e 01 pátio. A escola conta com recursos materiais como: carteiras, mesas, bebedouro, som, mimeógrafo, vídeo, televisão e alguns eletrodomésticos.

O estudo da temática tem o caráter exploratório, pois segundo Gonsalves (2001, p. 65): “A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e o esclarecimento de idéias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado”.

O nosso estudo vai utilizar os métodos qualitativos e quantitativos, pois de acordo com Richardson (1999, p. 70): “... o método quantitativo representa, em princípio, a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação, possibilitando, conseqüentemente, uma margem de segurança quanto as interferências ...”

Utilizaremos o método qualitativo, pois de acordo com Richardson (1999, p. 79): “A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”.

O referido estudo se realizará com a utilização de um questionário como instrumento de coleta de dados, o questionário contém questões abertas e fechadas, pode ser considerado um instrumento que facilita a familiarização com o problema, Richardson (1999, p. 189) acredita que: “... os questionários cumprem pelo menos duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social”.

Os dados coletados serão utilizados para enriquecer o entendimento da temática e conseqüentemente subsidiar a análise qualitativa. As atividades serão realizadas através de estudos e reflexões sobre a importância da leitura na formação de cidadãos críticos e capazes de desenvolver o seu próprio conhecimento.

3. ANÁLISE DOS DADOS

3.1. O que pensou as professoras sobre o processo de leitura

Estes dados foram coletados através de um questionário aplicado com as professoras da Escola Municipal Instituto Educacional Antônio Lacerda Neto, na cidade de São José de Piranhas — Paraíba, com o objetivo de investigar o processo de leitura na Educação de Jovens e Adultos.

Referente ao **gosto pela leitura**, todas as professoras afirmaram que gostam de ler. Conforme o depoimento da professora “G”, “através da leitura podemos adquirir muitos conhecimentos”. Diante dessa afirmação, vemos que é de grande importância para as professoras o ato de ler, pois a leitura nos ajuda a refletir e criticar os pensamentos dos autores.

De acordo com Cunha (1986, p.):

A definição etimológica da palavra leitura vem do latim tardio que apresenta o sentido de comentário. Derivada do verbo ler, do latim *legere*, corresponde a percorrer com a vista e interpretar o que está escrito, captando o significado do que é lido, compreendendo o que o autor quis dizer. Pode-se ir mais adiante, ao entender a leitura enquanto o esclarecimento analítico ou não de determinado fato, imagem ou produção escrita, lê-se para compreender, para expor uma opinião a respeito do que é lido.

A leitura é uma maneira que utilizamos para ver o mundo de olhos bem abertos, uma vez que quem ler, reflete, critica e faz uma “interpretação da interpretação que o escritor fez da sua leitura de mundo” (CAGLIARE, 1997, p.150). Não era por acaso que a Santa Inquisição não queimava apenas as “bruxas” e os “hereges”. Queimava montanhas de livros em praça pública para que não fossem lidos. Da mesma forma, em nosso país, agentes dos governos militares invadiam casas da “subversivos”, aprendiam e destruíam livros cujos títulos e autores integravam a lista dos proscritos pelo regime.

Por ser a leitura um dos últimos recantos da liberdade intelectual, o professor deverá estar bastante preparado para trabalhar a leitura em sala de aula, desfrutando de sua

dedicação, do seu conhecimento teórico e de muita perseverança para enfrentar os desafios que a leitura impõe. Infelizmente essa não é uma realidade na escola pesquisada, pois as professoras da instituição, tiveram direito a um treinamento muito curto e acreditamos que não proveitoso, pois uma semana de treinamento não deixa o professor qualificado para assumir tamanha responsabilidade que é ensinar os jovens e adultos a ler e escrever. Por pertencerem a uma escola municipal, a professora “C” relatou que “os professores da Educação de Jovens e Adultos participam de um curso que é dado uma vez por semana pela coordenadora do EJA do município”. Este curso é oferecido pela Secretaria Municipal de Educação: “PCNs em Ação”, em que é discutida essa modalidade de ensino e apresentado um material enviado pelo MEC, específico para o EJA.

Diante da tamanha importância que a leitura apresenta, o professor deve priorizar as **atividades de leitura todos os dias da semana na sala de aula** com os seus alunos. Cinco (71,44 %) das sete professoras questionadas realizam atividades de leitura todos os dias da semana. Apenas duas (28,56 %) das professoras não trabalham a leitura todos os dias da semana com os seus alunos.

Segundo CAGLIARE (1997, p. 148) o professor deve saber que:

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se o aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas se for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte a sua tarefa.

No que se refere **ao material utilizado para trabalhar a leitura** com os seus alunos, 85,72 % das professoras afirmam que não resume o ensino da leitura somente ao livro didático, também utilizam jornais, revistas, bulas de remédio, receitas culinárias, brincadeiras e outros **textos informativos**. Só a professora “G” (14,28 %) utiliza apenas o livro didático para o ensino da leitura.

Apesar de o uso do livro didático ser muito eficaz, existe a necessidade do professor buscar novas práticas educativas para poder adequá-las à realidade do aluno.

Neste sentido concordamos com FUNK (1994) quando diz: “Os alfabetizadores são impedidos de se tornarem os construtores do seu próprio conhecimento, de aprender, descobrir, criar soluções, escolher e assumir as conseqüências de sua escolha, pois recebem tudo “pronto”, o que bilota e não leva em consideração a lógica de quem aprende”. A professora ‘G’ desenvolve o seu trabalho nesse sentido.

Os textos informativos ajudam ao professor a fazer uma ligação entre a realidade do aluno e a sala de aula. Mediante o ponto de vista da professora “A”, “Com textos informativos eles se interessam mais e prestam mais atenção”. Percebemos que existe a necessidade de se adequar as práticas educativas a realidade desses alunos justamente porque os mesmos já possuem um conhecimento cultural e um nível de subjetividade diferenciado das crianças do *Ensino Regular*.

Por essa razão não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o alfabeto mais à condição de objetivo de alfabetização do sujeito da mesma. (FREIRE, 1979, p.72)

O papel do educador é buscar novas metodologias, adequá-las à realidade do educando, não seguindo a padronização da cartilha que reduz o aprendizado a símbolos pré-determinados e que não condizem com o contexto do aluno: “As cartilhas não consideram a peculiar lógica do desenvolvimento cognitivo do aluno, apoiando-se tão somente na lógica do sistema de escrita de ensinar”. (FUNK, 1994, p.14)

Dessa forma, não basta somente revermos o material didático, porém é preciso não só o educador repensar no seu papel enquanto mediador de uma aprendizagem que priorize a bagagem de conhecimento trazida por seus alunos, mas também a flexibilidade das instituições em permitir a realização de um trabalho diferenciado e investir em material didático e na qualificação dos profissionais dessa área.

A leitura pode ser trabalhada de forma individual e coletiva. Segundo os dados coletados 42,86 % das professoras trabalham a leitura das duas formas, individual e coletiva. 42,86% de forma coletiva e 14,28 % das professoras trabalham a leitura com seus alunos de forma individual.

A **leitura individual** que também é conhecida como leitura visual silenciosa, tem grandes vantagens comparadas aos outros tipos de leitura.

Não só imibe o leitor por questões lingüísticas, como permite ainda uma velocidade de leitura maior, podendo ele parar onde quiser e recuperar passagens já lidas, o que a leitura oral de um texto não costuma permitir. Daí a conclusão de algumas pessoas de que a leitura silenciosa favorece mais a reflexão sobre o texto. (CAGLIA-RE, 1997, p.156)

A leitura individual é uma das técnicas da leitura que deve ser aplicada principalmente para os indivíduos que dominam a leitura. Na aplicação de um tipo de atividade como essa para jovens e adultos é necessário, adquirir a confiança dos jovens e adultos, ter paciência, conhecer seu interesses, saber ouvir, respeitá-los sem subestimar sua inteligência; travando-se, assim um diálogo, tendo em vista a compreensão do mundo individual e social dos jovens e adultos e dos educadores. O educador deve induzir os seus alunos a ler romances, contos, poesias, histórias e periódicos como VEJA, ISTO É, e outras que travam a vida dos artistas, modas, assuntos atuais e etc., evidenciando que os jovens e adultos não estão alienados do mundo, que quer manter-se informado e deseja exercer seu direito de cidadania.

A **leitura coletiva** é outra técnica de leitura que deve ser mais utilizada por indivíduos que não dominam a leitura. O importante nessa atividade de leitura é que o educador ouça a opinião de cada jovem e adulto na discussão do texto utilizado. Ler para o jovem e adulto é ter o prazer de reabilitá-lo ao mundo social. O pluralismo interpretativo dos comentários do texto deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e ter sua visão de mundo. O texto abre abre o espaço para os comentários e interpretações, propondo uma escolha de pensamento e de comportamento.

A escola pesquisada trabalha as técnicas de leitura respeitando o nível de aprendizagem de cada aluno. Pois, o ensino de jovens e adultos é dividido em nível pré-silábico, silábico, pré-alfabético e alfabético.

De acordo com os dados coletados, 100 % das educadoras priorizam a **leitura oral** em sala de aula, não desfrutando da **leitura silenciosa**. A leitura oral é um tipo de leitura que proporciona ao leitor decifrar o que está escrito e depois reproduzir oralmente o que foi decifrado. A leitura em voz alta pelo próprio jovem e adulto é a melhor modalidade lingüística para ajudar a memorização e, conseqüentemente, a aprendizagem no início da idade escolar. Geralmente, os alunos são treinados e ensinados a ler de maneira inadequada, se preocupam somente em reproduzir oralmente os símbolos escritos corretamente não dando importância a interpretação do que foi lido.

A prática de leitura utilizada nas salas de aula da instituição se aproxima muito do método tradicional, a educadora “C” confirma: “Eu gosto muito de fazer ditados de palavras com os meus alunos”. Assim observamos que nesta instituição, a leitura oral está diretamente ligada à repetição das palavras ditadas. É uma leitura que via de regra, dirige-se à professora.

A educadora conduz as atividades nas quais “ensinar a ler” por uma estratégia que consiste em apontar as letras e as sílabas para que os alunos identifiquem os sons por elas formados. É o tipo de método de alfabetização que Ferreiro (1991) classifica como “método sintético”. “O método sintético insiste, fundamentalmente na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes para o todo” (FERREIRO, 1991, p.19)

Para TEBEROSKY e COLOMER (2003, p. 122):

O procedimento de ditado é bem difundido no âmbito escolar. De fato, freqüentemente o professor faz ditados aos alunos, com o objetivo de avaliar a ortografia: dita o texto já preparado, com o único propósito de verificar se os alunos conhecem as regras de transcri-

ção da ortografia padrão. Diferentemente, o que propomos aqui é que as crianças ditem ao professor, que se prestará como escriba para produzir um texto.

Trabalhar leitura na Alfabetização de Jovens e Adultos não é uma tarefa fácil, mas o professor que busca técnicas inovadoras para administrar o problema com mais cautela.

Perguntamos as professoras se elas **sentem dificuldades para trabalhar a leitura com os seus alunos**, 57,16 % das educadoras sentem dificuldades e 42,84 % não sentem dificuldades de administrar a leitura em sala de aula.

Nesta instituição de ensino, as educadoras que sentem dificuldades para tornar os alunos bons leitores procuram superar as dificuldades incentivando o aluno a ler através do diálogo, procuram ler com eles em voz alta, trabalham textos que retratam a realidade do educando, fazem pesquisa em livros didáticos e trocam idéias com as demais professoras a respeito de como trabalhar a leitura.

Enquanto a escola não assumir uma proposta séria de valorização do papel da leitura no desempenho escolar do aluno; enquanto os professores dos diferentes componentes curriculares (disciplinas) não assumirem seu papel na formação de leitores para toda a vida e continuarem a afirmar, simplesmente que os alunos não gostam de ler (educadora "B"), o problema da leitura vai continuar interferindo negativamente na aprendizagem e no desempenho escolar dos jovens e adultos.

As estratégias de leitura usadas pelas as professoras da escola, seguem uma linha que está voltada para o pensamento de muitos estudiosos da área da educação. O educador deve desenvolver um vínculo de afetividade com o educando através do diálogo e partir do próprio contexto do aluno para iniciar o processo de alfabetização com sucesso.

A alfabetização não pode ser reduzida a um aprendizado técnico-lingüístico, como um fato acabado e neutro, ou simplesmente como uma construção pessoal intelectual. A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sócio-cultural, política e técnica. (FREIRE, 1996, p.60)

A Educação de Jovens e Adultos precisa desenvolver um trabalho que valorize o contexto que o educando esteja inserido, considerando seu modo de ser.

Referente ao **entendimento sobre leitura**, as educadoras apresentam conceitos semelhantes que representam com clareza o que elas pensam sobre leitura. “Leitura é tudo aquilo que se ler e é entendido e interpretado” (educadora “A”); “Leitura é tudo aquilo que se pode ler e entender” (educadora “D”); “Leitura é tudo o que lemos e entendemos e serve para nossa vida futura” (educadora “E”). Os conceitos sobre leitura das educadoras mencionam uma visão de mundo que pouco se aproxima do conhecimento científico, baseado na conclusão de estudiosos da área. Pois o conceito de leitura pode ser considerado muito mais amplo.

Na ótica dos estudos de SOARES (2001) a respeito da leitura, ele afirma:

Compreendo a leitura como um conjunto de habilidades lingüísticas e psicológicas que agrega tanto a habilidade de decodificação de palavras escritas quanto a capacidade de compreender textos escritos. Essas habilidades são complementares, visto que a leitura é um processo de relacionar símbolos escritos a unidade de som e é também o processo de construir uma interpretação de textos escritos.

Ler é decodificar os símbolos lingüísticos refletindo, analisando, interpretando e criticando. O leitor que não constrói o seu próprio ponto de vista a partir que foi lido, ou seja, que não desenvolve o seu conhecimento diante do texto que leu, só decodificou, não fez uma leitura que suscita conhecimento, só repetiu o que o autor do texto pensou e criou. A leitura é problemática, induz a reflexão, suscita hipótese, faz pensar.

O aluno que ler pouco não desenvolve o seu senso crítico, não cria nada e sente dificuldades para escrever. Uma vez que a leitura e a escrita andam juntas. A leitura deve ser incentivada pelo educador, pois é importante que o professor tome a sala de aula num ambiente prazeroso e confortável para que o aluno desperte o interesse pela leitura. O professor deve sempre trabalhar com leituras diversificadas e estimular leitura por parte dos alunos em voz alta para que todos acompanhem, pois mesmos aqueles alunos que não sabem ler podem interpretar oralmente o texto.

Em síntese, os conceitos de leitura são muitos e variam conforme as perspectivas teóricas e seus campos de atuação, dentre os inúmeros envolvidos no assunto. Portanto, para aqueles que consideram a leitura como ato de decodificar sinais gráficos, ou seja, um ato mecânico, a leitura poderá se tornar uma prática sem vida e sem alma, caso contrário, o que considerar a leitura como suas experiências e vivências, a leitura se tornará uma prática muito mais ampla e viva.

A leitura, dentro de uma visão construtivista, relaciona-se com a alfabetização no sentido amplo de levar o aluno a interpretar o mundo, pois não basta decodificar as representações iniciadas por sinais e signos. O leitor deve porta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se, agindo como agente ativo.

A importância da leitura. “É através da leitura que descobrimos o nosso valor como cidadão” (educadora “B”). Acreditamos que, para ser um integrante de uma sociedade, o indivíduo necessita de um mínimo de leitura, por exemplo: atitudes como pegar um ônibus, encontrar uma rua, fazer compras, deslocar-se de uma cidade para outra, operar um caixa eletrônico ou simplesmente atravessar uma rua pressupõe possuir a habilidade da leitura.

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança muito maior do que qualquer diploma. (GAGLIARE, 1997, p.148)

A maioria, 85,72 % das professoras sabem que a leitura é importante mais não justificam a sua importância. As palavras da educadora “A” confirma: “A leitura é importante para nós e para quem nos rodeiam. O ato de ler é importante para qualquer ser humano”. Apenas a educadora “B” (14,28 %) reconhece a real importância da leitura.

GAGLIARE (1997, p.149) menciona: “ Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais ideológicos, filosóficos, mas até fonético”.

Muitos alunos apresentam dificuldades em matérias como matemática , física. Na verdade, esses alunos apresentam dificuldades de leitura, conhecem os números. sabem efetuar operações com os números e de fato não interpretar o enunciado da questão. A leitura em qualquer disciplina e a compreensão da leitura depende do conhecimento de mundo do leitor e , principalmente, da multiplicidade de sentidos que podem ser atribuídos ao texto. Portanto, quanto maior for a diversidade de leituras, maior será a possibilidade de ampliação do conhecimento de mundo do leitor, de fazer interferências, de exercitar a compreensão.

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO

O presente estudo foi realizado na E.M.E.I.F – Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto, na cidade de São José de Piranhas-PB, com o objetivo de trocar experiências com os professores sobre o processo de leitura. Iniciamos nossos encontros com a apresentação do projeto O Processo de Leitura na Educação de Jovens e Adultos, discutimos as concepções de leitura na visão de vários autores sobre a leitura na aprendizagem da prática escolar, trabalhamos textos reflexivos referente a temática.

De início as professoras fizeram alguns questionamentos do tipo: “como são esses encontros?”; “qual a duração?”; “quantos dias por semana?”; “vai demorar?”. Diante desses questionamentos esclarecemos aos presentes qual o real objetivo do estágio, espaço de experiências e contribuição de sugestões para melhorar e desenvolver o ensino de leitura na Educação de Jovens e Adultos.

Feita essas observações notamos que ficaram mais satisfeitas e interessadas em descobrir novas formas para tentar amenizar os problemas surgidos na sala-de-aula no que se refere a leitura, fizemos a leitura do texto: “O ato de estudar”, onde houve a reflexão desse conceito feita por uma das educadoras: “Estudar é muito bom”. Percebemos que algumas educadoras não tinham um aprofundamento do significado da leitura.

Na discussão ouvimos que “a leitura é tudo que lemos” falou uma das educadoras, observamos que o conceito de leitura das professoras não tinha muita clareza. Após a discussão do texto os conceitos sobre leitura, as professoras formularam um novo conceito a respeito da leitura “leitura é interpretar, criticar e compreender. O leitor deve sentir prazer pela leitura”.

No segundo encontro discutimos a importância da leitura, pois sabemos que o ato de ler para o indivíduo além de ser uma fonte prazerosa, é uma maneira que temos para conhecer

novos pensamentos, nos proporciona condições de refletir, vendo o mundo de olhos bem abertos.

Fizemos uma leitura coletiva do texto: “O que é ler” seguindo de estudo reflexivo, na discussão uma professora relata: “É muito difícil achar uma forma prazerosa para trabalhar a leitura com jovens e adultos”. Ela faz uma comparação entre a aprendizagem da criança e do adulto em relação à facilidade de aprendizagem do adulto acreditando que as crianças possuem mais facilidade de adquirir conhecimentos do que os adultos, pois não estão carregados de problemas, os quais dificultam a assimilação de novos conhecimentos.

Fizemos uma discussão a respeito das palavras de Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, com o objetivo de fazer uma ligação entre a importância da leitura para escrever, refletir e criticar, pois para que ocorra a alfabetização entre jovens e adultos é preciso usar como argumento a realidade dos alfabetizandos, o seu cotidiano, o seu dia-a-dia, ou seja, seu contexto de vida só assim, ocorrerá a alfabetização entre jovens e adultos.

De acordo com Cagliari (1997, p.150):

A leitura que me refiro der maneira particular é a leitura lingüística, baseada na escrita, portanto, reveladora de uma interpretação que o escritor fez da sua “leitura do mundo”.

Assim, o professor com essa prática educativa desempenhará bem o seu papel, faz-se necessário que ele acredite na sua potencialidade, sua força de vontade de buscar novas metodologias adequadas à realidade do educando, não se perdendo aos livros didáticos adotados, apoiando-se tão somente na lógica do sistema da escrita de ensinar resumindo o aprendizado a símbolos pré-determinados que não condiz com a realidade do alunado.

Dando continuidade aos encontros, trabalhamos os tipos de leitura: visual e silenciosa e ouvida que é utilizada por indivíduos que dominam a leitura. Fizemos a leitura compartilhada do texto: “Os tipos de leitura” seguindo a discussões destacando os principais

itens explicando e exemplificando cada tipo de leitura, através de elementos diferenciados que identificam os tipos de leitura.

Segundo uma das educadoras faz a seguinte observação: “nós podemos fazer os três tipos de leitura através do livro, se lermos em voz alta, a leitura é oral, se fizermos uma leitura silenciosa, a leitura é visual e se ouvirmos alguém lendo o mesmo livro, a leitura é ouvida.

Sabemos que durante a leitura, cada indivíduo se relaciona com o texto ao seu modo dependendo do repertório de vivências e preferências ou mesmo em função das suas condições de letramento. Lembramos que a leitura oral tem como objetivo específico o desenvolvimento das habilidades de compreensão, pronúncia, ritmo e entonação adequada.

Segundo Cagliari (1997, p.155):

A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também “lêem” o texto ouvindo-o. Os primeiros contatos das crianças com a leitura ocorrem desse modo. Os adultos lêem histórias para elas. Ouvir histórias é uma forma de ler.

É através da leitura e da escrita que o indivíduo consegue comunicar-se com os grupos sociais, refletindo, opinando diante da realidade em que está inserido. Por isso é de fundamental importância levar o aluno a falar, valorizando sempre sua expressão oral correta ou não, pois ensinar a ler também significa avaliar, para isso é necessário que o educador saiba ouvir, ter paciência e respeitá-los, sem subestimar sua inteligência e ter acima de tudo diálogo, também incentivá-los a ler textos diversificados para que os jovens e adultos não fiquem alienados.

No quarto encontro fizemos discussão sobre o texto: “Como ler”, pois ler é de fundamental importância para o bem estar social do indivíduo principalmente porque vivemos numa era da informação, mas para ter acesso a essas informações, ele precisa ser um leitor com algumas competências que lhe garantam a possibilidade de prosseguir aprendendo.

Na discussão a professora coloca: “só queria achar uma fórmula para que meus alunos aprendessem a ler”. Diante dessa observação, esclarecemos que não existe receitas prontas e

que cabe ao educador procurar inovar, tornando sua sala de aula um ambiente agradável, pois o educador só poderá executar sua tarefa a partir de um conhecimento de ações que facilitem aos alunos a percepção da relação que estabelecem com seu meio.

Por isso, cabe ao educador trabalhar desde o início das aulas com seus alunos a leitura oral desenvolvendo nos mesmo a capacidade de se expressar, pois é através da leitura ouvida que o educando tem seu primeiro contato, daí eles podem fazer sua própria leitura seja imaginária, sonora.

Portanto, é indiscutível a importância da leitura em todas as instancias da vida humana. Assim, nos defrontamos a todo instante com a necessidade de ler para resolvermos problemas que estão a nossa volta, a procura de emprego melhor localizando um endereço, comprando produto, pegando ônibus, é por esses e outros motivos que os jovens e adultos procuram a escola para serem alfabetizados na esperança de melhoria de vida e descobrirem o seu papel como cidadão.

Assim, a escola deve dar ao aluno oportunidade de ler segundo sua variedade de língua e não obrigá-lo logo na primeira leitura a ler no dialeto da escola, mas à medida que o aluno vai estendendo a sua capacitação a leitura pode ser um momento interessante para que ele possa aprender a realização do dialeto na escola.

O quinto encontro discutimos o texto: “O papel do professor como escriba” de TEBEROSK e COLOMER. O professor geralmente é quem faz a leitura em voz alta na sala de aula, ler para os alunos ouvirem, apenas o aluno escuta e repete, não constrói nada. O professor só treina e avalia a caligrafia do aluno.

As autoras mostram que o professor deve assumir o papel de escriba e não ditador. O ideal seria que os alunos ditassem o texto para o colega e conseqüentemente avaliasse a sua ortografia, vendo onde o colega errou e corrigindo-o.

No ato da discussão do texto, uma professora relata: “como é que o aluno vai ditar o texto para o colega, se não sabe ler”. Diante dessa indagação, explicamos os níveis de aprendizagem que cada aluno apresenta, seja criança, jovem ou adulto. Não é em todos os níveis de aprendizagem dos alunos que podemos aplicar a proposta das autoras.

Trabalhar a leitura na alfabetização de jovens e adultos não é uma tarefa fácil, cabe ao professor desempenhar vários papéis, o papel de escriba é muito importante para o educando desde que não seja difundido apenas para avaliar a ortografia, mas para ajudar a diferenciar a ajustar o oral e o escrito.

No sexto encontro, debatemos o texto “O professor como leitor” de Ana Teberosky. Para que o professor possa induzir o aluno a sentir o gosto pela leitura e fazer leituras cotidianamente, é preciso que esse professor trabalhe a leitura na sua sala de aula da maneira mais prazerosa possível.

A educadora “D” acredita que fazendo leitura oral na sala de aula, desenvolve o interesse dos jovens e adultos:

Na minha sala de aula, eu gosto muito de fazer leitura em voz alta para os meus alunos. Eu acho que a leitura em voz alta é muito melhor que a leitura silenciosa, pois quando eu leio em voz alta fico mais envolvida com o texto e quando leio silenciosamente, meu pensamento foge do texto, fico pensando em outras coisas que não tem nada a ver com o texto. Por causa disso, sempre leio em voz alta para os meus alunos, pois acho que acontece a mesma coisa com eles.

O professor como leitor na sala de aula deve respeitar o nível de aprendizagem que o jovem e adulto se encontra. O jovem e adulto que está no nível pré-silábico ou silábico, ou seja, que não escreve e nem ler de forma que atenda o objetivo da escola, o ideal é que o educador faça a leitura de textos em voz alta para que esse jovem e adulto memorize o texto e participe com audiência da leitura do texto. Já os jovens e adultos que se encontram no nível

alfabético e pré-alfabético, seria melhor que o educador não fizesse leitura em voz alta, e sim, os próprios alunos.

Segundo TEBEROSKY (2003 p. 126): “Quando professor realiza a leitura em voz alta, a criança aprende a participar como audiência, porque escutar a ler não é algo passivo”.

No sétimo encontro abordamos o texto: “Compreensão do que é ler e escrever e a função social da escrita”.

Sabemos que vivemos em uma sociedade onde estamos sujeitos a seguir idéias que fazem parte de um grupo dominante que são passados para os demais, como se todos vivenciassem a mesma realidade.

O analfabeto possui uma visão bem clara do que significa ler e escrever, por isso é que eles procuram a escola de jovens e adultos para serem alfabetizados, pois para os alfabetizados, pois para os alfabetizando o fato de aprender a ler, escrever e contar pode lhes beneficiar de várias maneiras e uma delas é adquirir uma maior importância social.

Em meio à discussão uma das educadoras faz o seguinte comentário: “A primeira coisa quando o jovem adulto chega à escola é querer aprender a fazer seu nome”, isso porque ele sente na pele cada vez que precisa assinar alguma coisa tem que “pintar” ou pedir para que alguém leia para ele, claro que não é só esse motivo, para o alfabetizando o fato de aprender a ler, escrever e contar pode lhes beneficiar de várias maneiras e uma delas é a busca de um emprego melhor que é de acordo com suas concepções, buscar melhorias de vida, buscar subir financeiramente, sair da classe social a que pertence para uma de maior importância social, esse é o real significado da escola de jovens e adultos para os alfabetizando.

Apesar da situação precária que funciona a Educação de Jovens e Adultos não podemos citar só pontos negativos, existe também pontos positivos e isso fica bem claro, quando vemos alguns alunos dando seu depoimento dizendo que hoje não precisa mais “pintar” o dedo já consegue ler, mas para isso é preciso da compreensão dos educandos sobre

a importância de se ter o acesso à cultura letrada com possibilidade de se ter uma participação mais ativa e reflexiva, consciente de seus direitos e deveres frente à sociedade.

Finalizamos os nossos encontros refletindo o texto: “Lendo textos”. O texto contém propostas que orientam educadoras de turmas iniciantes para trabalhar textos curtos em sala de aula, selecionados e simples como: receitas, folhetos, cartazes, bilhetes, manchetes de jornais e revistas. Mostrando que o educador precisa buscar textos adequados ao contexto de jovens e adultos, uma vez que não contamos com materiais didáticos suficientes.

Outra estratégia fundamental que o professor deve trabalhar com os alunos iniciantes é a leitura oral, pois ouvindo a leitura eles vão se familiarizando com as diferentes modalidades de texto.

Realizamos uma retrospectiva de que foi o estágio, apresentando questões a respeito dos textos discutidos durante todos os outros encontros realizados. O resultado foi surpreendente, as educadoras realmente souberam aproveitar os encontros. Aprenderam de verdade o que discutimos nos encontros.

E por último aplicamos a dinâmica do tesouro onde cada educadora oferecia o tesouro à colega justificando a sua escolha. O tesouro não podia ser oferecido duas ou mais vezes a uma só colega, ficava passando de mão e mão. O tesouro era uma caixa de chocolate embrulhada com um papel dourado e enfeitado de purpurina. O objetivo da dinâmica era finalizar os encontros com muita harmonia, uma vez que em um ambiente, é notório que os colegas só percebiam os defeitos de outro e quase nunca olhe para o colega atribuindo qualidades ao mesmo. A dinâmica trabalhou a auto-estima das educadoras.

CONCLUSÃO

Em nosso pensar, o ensino da leitura na Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Educacional Antônio Lacerda Neto, no município de São José de Piranhas, teve uma contribuição muito favorável a partir do estágio que foi realizado, pois podemos deixar bem claro muitos aspectos que misteriosamente dificultam o ensino da leitura, contribuindo para que a escola entre em um estágio de transição, saindo de uma etapa em que a modalidade conta apenas com a utilização da cartilha (que não é escolhida pelos professores do EJA, mas sim o que excede no ensino regular) e do esforço individual dos profissionais da área, partindo para uma etapa de estudo e reflexão para futuras mudanças, baseando-se no pensamento de vários estudiosos da área da educação.

Com base em nosso estudo, pudemos concluir que a troca de experiência com as professoras que trabalham a leitura com Jovens e Adultos enriquece o nosso conhecimento a respeito da temática, uma vez que procurando aplicar novas formas pedagógicas em sala de aula, as professoras mencionam alguns resultados que comprovam o sucesso eficaz das estudos a respeito da leitura.

A desinteresse dos educandos é um outro fator que colabora para o estado de acomodação dos educadores, pois esses se acostumaram com a cartilha como sendo o único meio de aquisição da leitura e escrita. A maioria dos educandos só aparece na escola no dia de receber a feira que é oferecida pela a prefeitura do município.

Pensamos como seria a reação e a desenvoltura desses educandos frequentadores da EJA ao se tornarem partícipes de projetos que atualmente estão sendo propostos como a alfabetização coerente. Será que não ocorreria uma resistência ao novo, ao diferente em uma clientela com pouca oportunidade de estudo? Ou será que, sendo trabalhado de forma eficaz, conseguiria despertar o interesse em se utilizar às novas tecnologias, que a cada dia que passa compõem mais e mais o nosso cotidiano?

A partir dessas conclusões, temos em vista também algumas considerações no sentido de recomendar que sejam feitos cursos regulares de capacitação para os profissionais atuantes nas classes da EJA, para que os mesmos possam refletir sobre sua prática e criar estratégias para modificar essa prática descontextualizada; o investimento por parte do Município, subsidiando materiais didáticos para que se possam criar ambientes estimuladores do processo da aquisição da leitura; a parceria dos familiares e da própria instituição de ensino, em dar credibilidade à atuação dos educadores, no sentido de não cobrar que a cartilha seja utilizada e preenchida em um tempo mínimo fixado e, por fim, poder contar com a disposição, boa vontade e entusiasmo dos professores em assumir esse compromisso de mudança, para que esse espírito de transformação contagie e motive os educandos das classes da EJA, para que os mesmos também lutem para ser partícipes de uma prática educativa coerente com a realidade cultural por eles vivenciada.

Referências

- ABRANTES, W.M. Partir da realidade do aluno: o que é isso? In: *Um salto para o futuro*. Rio de Janeiro: Presidência da República/Fundação Roquette Pinto, 1995.
- CAGLIARE, Luiz Carlos. *Alfabetização & Linguística*. 10.ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- CUNHA, Antônio Geraldo da et. al. . *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 18.ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 22.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 9.ed. São Paulo: Olho d'água, 1998.
- FERNANDES, Dorgival Gonçalves. *Alfabetização de Jovens e Adultos: Pontos críticos e desafios*. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. Tradução Horácio Gonzáles et al., 24.ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FUNK, Irene Terezinha. *Alfabetização de Adultos*. Relato de uma experiência construtivista. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CARNEIRO, Moacir Alves. *LDB fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 6.ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- RICHARDSON, R. J. et al. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SAVELL, Esmeria de Lourdes. *Leitura na escola: as representações e práticas de professoras*. Campinas.SP. 148 p. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SOLE, Izabel. *Estratégias de Leitura*. Irad. Cláudia Schilling. 6.ed. Porto Alegre: Art Med, 1998.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. *Aprender a ler e a escrever: Uma proposta construtiva*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SUPERVISÃO
ESCOLAR

Caro Professor (a)

Este questionário tem como objetivo coletar informações referentes ao processo de leitura e produção textual desenvolvido nas séries iniciais do ensino fundamental. Neste sentido a sua colaboração ao responder o referido questionário é de fundamental importância para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Antecipadamente agradecemos a sua colaboração

Questionário

Dados Pessoais / Formação Escolar

Idade:

Sexo:

Tempo que atua como professor (a):

Formação: ()Nível Médio, qual?

()Nível Superior, qual?

1-Quantas vezes por semana você desenvolve atividades de leitura na sala de aula?

()nenhuma

()uma vez

()duas vezes

()três vezes

()quatro vezes

()todos os dias

2-Você gosta de ler?

()sim

()não

Por quê?

3-Que tipo de leitura você prefere?

()jornais

()revistas

()livro didático

() gibis
Quais? _____

() outros

4-Você desenvolve alguma atividade de motivação antes de iniciar uma atividade de leitura?

() sim () não

Qual?

5-Você enfrenta dificuldades para trabalhar leitura na sala de aula?

() sim () não

Quais?

6-Para você o que é leitura?

7-Qual a importância da leitura no processo de ensino aprendizagem?

8-Que tipos de leitura você utiliza para trabalhar com seus alunos?

() silenciosa

() oral

() outros

Quais? _____

9-Você desenvolve atividades de produção textual?

() sim () não

Porquê?

10-Como você trabalha a leitura com seus alunos?

11-Quais os recursos que você utiliza para trabalhar leitura?

12-De que forma você trabalha a produção textual?